

Josef Albers na América
Pintura sobre papel

Josef Albers in America
Painting on Paper



CAM

Josef Albers na América

Pintura sobre papel

Josef Albers in America
Painting on Paper

18 maio > 1 julho 2012

CAM - Piso 1

18 May > 1 July 2012

CAM - Level 1

Exposição organizada pelo Josef Albers Museum Quadrat, Bottrop e pela Staatlich Graphische Sammlung, Munique, com a generosa colaboração da The Josef & Anni Albers Foundation, Bethany, Connecticut, EUA.

Exhibition organised by the Josef Albers Museum Quadrat, Bottrop and by the Staatlich Graphische Sammlung, Munich, with the kindly collaboration of The Josef & Anni Albers Foundation, Bethany, Connecticut, USA.

MESA-REDONDA | ROUNDTABLE

18 maio | May

18h00 | CAM

Com | With Nicholas Fox Weber, diretor executivo da Fundação The Josef e Anni Albers
Executive director, The Josef and Anni Albers Foundation

E com os curadores da exposição | and with the exhibition curators

Heinz Liesbrock, diretor do Josef Albers Museum Quadrat Bottrop
Director, Josef Albers Museum Quadrat Bottrop

E | and Michael Semff, diretor do Staatliche Graphische Sammlung, Munique
Director, Staatliche Graphische Sammlung, Munich

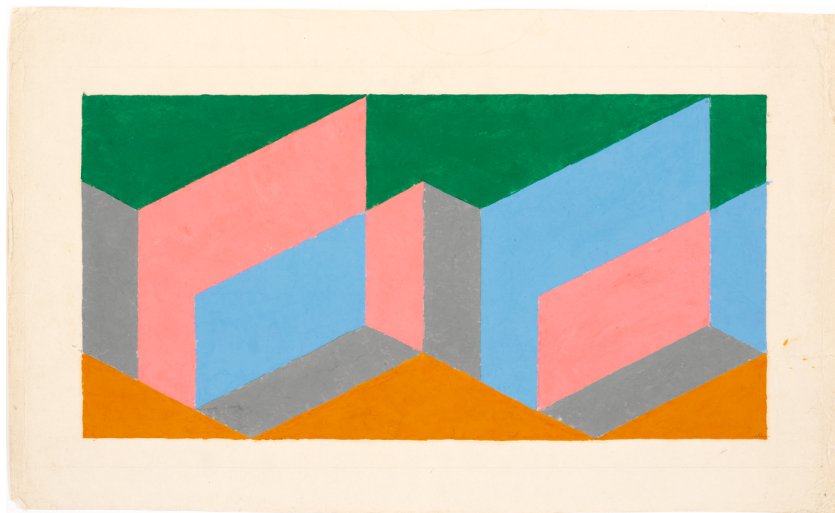
Apresentação | Presentation

Esta é a primeira exposição da obra de Josef Albers (1888-1976) em Portugal. Albers marca o século XX na Europa e nos Estados Unidos, tendo ficado sobretudo conhecido pelas suas «Homenagens ao Quadrado» (*Homages to the Square*), que pintou entre 1950 e 1976, pelos seus cargos de professor (na Bauhaus, logo em 1925, no Black Mountain College, Carolina do Norte, a partir de 1933, como presidente do Departamento de Design na Yale University, entre 1950 e 1958), e pela publicação, em 1963, de um estudo inovador sobre a cor, *The Interaction of Color*.

São apresentados oitenta estudos a óleo sobre papel, alguns deles inéditos ou raramente vistos, que nos revelam um pintor sob o intenso fascínio da cor e das suas múltiplas associações: «*Posso animar o cinzento mais sombrio, ... gosto de fazer rica uma cor muito pobre, obrigar as cores vizinhas a tornarem-na bonita.*» (Josef Albers)

This is the first exhibition of Josef Albers' (1888-1976) work in Portugal. Albers was a prominent twentieth-century figure in Europe and the United States, having mainly been known for his series *Homages to the Square*, which he painted between 1950 and 1976, and for the academic posts that he held (at the Bauhaus in 1925, at Black Mountain College in North Carolina from 1933, and as Head of the Department of Design at Yale University between 1950 and 1958). He was also known for his innovative study of colour – *The Interaction of Color* – which was published in 1963.

The exhibition presents eighty oil-on-paper studies, some of which have never, or only rarely, been seen before, revealing a painter with an intense fascination for colour and its multiple associations: “*I can get the gloomiest gray to dance, ... I love to make a very poor color rich, to let the adjacent colors make it beautiful.*” (Josef Albers)



Study for Tautonym, 1944
Fotografia | Photo: The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.



Josef Albers, ca.1950
Fotografia | Photo: Rudolph Burckhardt

Introdução

As diversas exposições de obras de Josef Albers, apresentadas por todo o mundo nas últimas décadas, afirmaram o artista como um clássico da arte do século XX. Porém, poucas dessas mostras se dedicaram exclusivamente ao seu trabalho em papel. (...) A presente exposição (...) celebra Josef Albers com uma seleção criteriosa de pinturas a óleo sobre papel, algumas das quais nunca, ou só muito raramente, apresentadas em público. A espontaneidade e a sensualidade destes trabalhos, a sua busca deliberadamente deixada em aberto e a delicadeza das suas cores vão surpreender mesmo os mais familiarizados com a obra de Albers.

Cronologicamente, a exposição começa no final da década de 1930 quando Albers retoma a pintura, depois de ter dedicado a maior parte do seu tempo ao *design*, como aluno e como professor da Bauhaus, de 1920 a 1933. Albers e a sua mulher Anni emigraram para os Estados Unidos no final de 1933, apenas alguns meses após o fecho da Bauhaus. O seu contacto com a natureza selvagem, quase intocada, da América do Norte e, sobretudo, com a cultura e a arte do México – que visitou pela primeira vez em 1935 –, deu um novo rumo ao seu trabalho. É legítimo afirmar-se que foi a América que moldou o pintor Josef Albers que hoje conhecemos. A nossa exposição deu visibilidade a esse estímulo fundamental.

O trajeto cronológico começa, assim, no final das décadas de trinta e quarenta, quando Albers começou a traduzir as suas impressões do México nas séries *Kinetics* e *Adobes*, e termina com *Homages to the Square*, uma série de trabalhos que o iriam ocupar de 1950 até à sua morte, em 1976. Foi nestas obras que a capacidade de Albers em maximizar o impacto espacial da cor atingiu o seu auge. A procura da essência dos meios utilizados e a descoberta de um terreno ideal para os aplicar na intimidade do papel acabou por frutificar na extraordinária poesia e vibração destas obras.

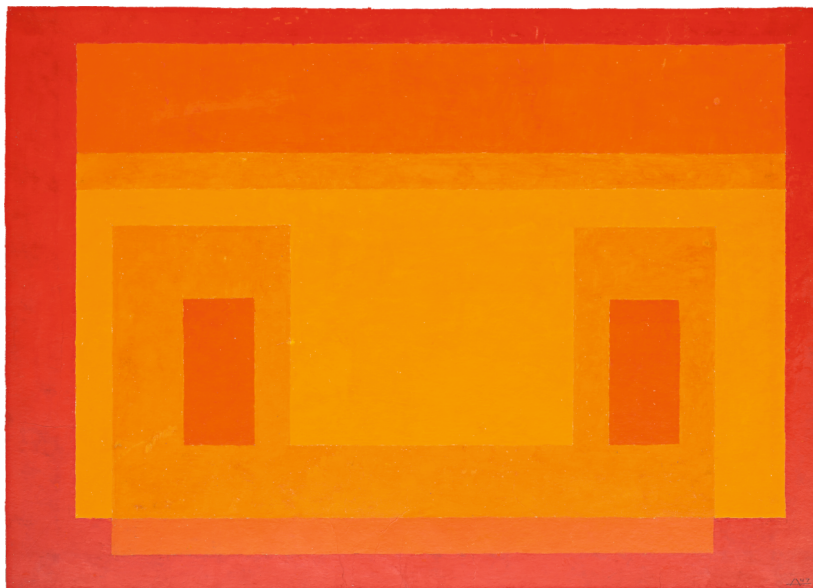
Albers planeava as suas pinturas ao pormenor, muito antes de executá-las num suporte definitivo. Enquanto a pintura em si demorava apenas algumas horas a realizar, os trabalhos preparatórios implicavam a produção de séries de estudos meticulosos durante os quais a ideia subjacente tomava forma. Esta exposição apresenta exemplos desses estudos, nos quais Albers explorou o efeito de diferentes cores e das suas correlações, ou a influência de uma camada de verniz no impacto global de uma pintura. As obras expostas vão desde exemplos de notações de cores puras e experiências de variações cromáticas até pinturas terminadas. O que todas têm em comum é o seu fascínio pelo impacto não mediado da cor. Ressalta igualmente a sensualidade tátil da tinta como material, a sua consistência «amanteigada» – *butteriness*, para usar um termo do próprio Albers –, que variava de acordo com o fabricante. Ao espalhá-la rapidamente sobre papel espesso, este absorvia o óleo, deixando uma camada seca de

cor vibrante. O artista que aqui observamos a trabalhar é alguém que sabe desenvolver adequadamente uma ideia utilizando um mínimo de meios. O que torna estes trabalhos sobre papel tão únicos no conjunto da obra de Albers, permitindo-nos considerá-los como obras de arte por direito próprio, é a tensão que geram entre a percepção controlada típica de Albers e a sua extraordinária recetividade à magia do instante criativo. Depois de ver estas pinturas, quem possa pensar em Albers como um teórico artisticamente neutro, preocupado sobretudo com a apresentação de ideias, rapidamente fica convencido do contrário. O que estes trabalhos nos revelam é que Albers foi um verdadeiro pintor, um artista que se deixou deliberadamente guiar pelos seus materiais mas que, ao mesmo tempo, os investiu de uma inconfundível vitalidade própria. Os visitantes que vejam estas obras vão ser obrigatoriamente compelidos a ver (ou a voltar a ver) as pinturas acabadas. Nestas pinturas vão descobrir a marca de um espírito – que atribui à cor, enquanto emanção de luz, um idioma próprio – e que distingue Albers como um digno sucessor de Paul Cézanne. Esta exposição pode, assim, abrir um novo capítulo na receção das obras de Josef Albers.

Heinz Liesbrock (Diretor do Josef Albers Museum Quadrat Bottrop)

Michael Semff (Diretor da Staatliche Graphische Sammlung, Munique)

Excerto do «Prefácio» publicado no catálogo *Painting on Paper. Josef Albers in America*. Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2011.



Variant / Adobe, c. 1947
Fotografia | Photo: Joseph Albers Museum Quadrat Bottrop, Walter Hannappel

Quando ensinava na Bauhaus, Josef Albers sublinhava que as propriedades físicas das componentes do trabalho individual deviam ser o ponto de partida [para a criação da obra de arte]. Quase cinquenta anos mais tarde, recordava dizer aos seus alunos: «vejamos o que podemos fazer de novo com arame. Dêem-lhe uma nova forma. E o que podemos fazer com fósforos... o que podemos fazer num projecto com caixas de fósforos. E, mais tarde, introduzi o estudo do papel, que na época era considerado material de embrulho.»¹

Albers referia-se, neste caso, à forma como o papel podia ser cortado e dobrado. As características que tinha em mente eram a sua espessura fina e a combinação de flexibilidade com rigidez, que o tornavam ideal para certos métodos de construção. Mas, de igual modo, quando o papel era suporte de uma obra de arte, o material no qual a imagem era pintada ou desenhada – e, portanto, a substância que ele desejava que fosse a sua essência para sempre – determinava em muito a realização do objecto. O papel tem qualidades miraculosas. Enquanto seu grande apreciador Albers respondia a essas qualidades. A sua longevidade a par com a sua leveza nunca o deixaram de surpreender. O custo relativamente baixo do papel atraía-o, tanto nos seus tempos de estudante, quando mal podia pagar uma cerveja, e muito menos materiais artísticos de melhor qualidade, como mais tarde, quando o seu sucesso artístico lhe permitia obter qualquer material pretendido; a sua personalidade, no entanto, manteve-o frugal. O esplendor do papel enquanto invenção humana satisfazia o seu desejo de simplicidade, reflexão, compreensão dos materiais e domínio técnico. Adorava casca de árvore – invenção da natureza –, mas tinha ainda maior respeito pelo processamento da polpa de madeira e água, pela precisão de proporções, pela manipulação hábil de que resultava o papel, uma suprema realização humana que remontava a tempos antigos mantendo valor atual. Universal e intemporal, o papel tinha as mesmas características que Albers procurava na sua arte; sentia por ele um imenso respeito.

As qualidades táteis do papel – quer sejam a superfície translúcida de certos papéis, a suavidade de gramagens particularmente indicadas para impressão, as delicadas linhas de papéis avergoados, ou a aparência granulosa e áspera do papel de aguarela – convidavam a respostas específicas. Albers escolhia a textura adequada às suas necessidades, que, ao mesmo tempo, correspondiam aos ditames do papel com que estava a trabalhar. O mais importante era fazer equivaler a natureza do esforço artístico com a qualidade do material. Desenhava com leveza a grafite nos papéis mais adequados, esfregando os seus lápis litográficos nas margens, pondo em evidência, pelos subtis contrastes das orlas claro-escuras, o modo como os papéis eram feitos.

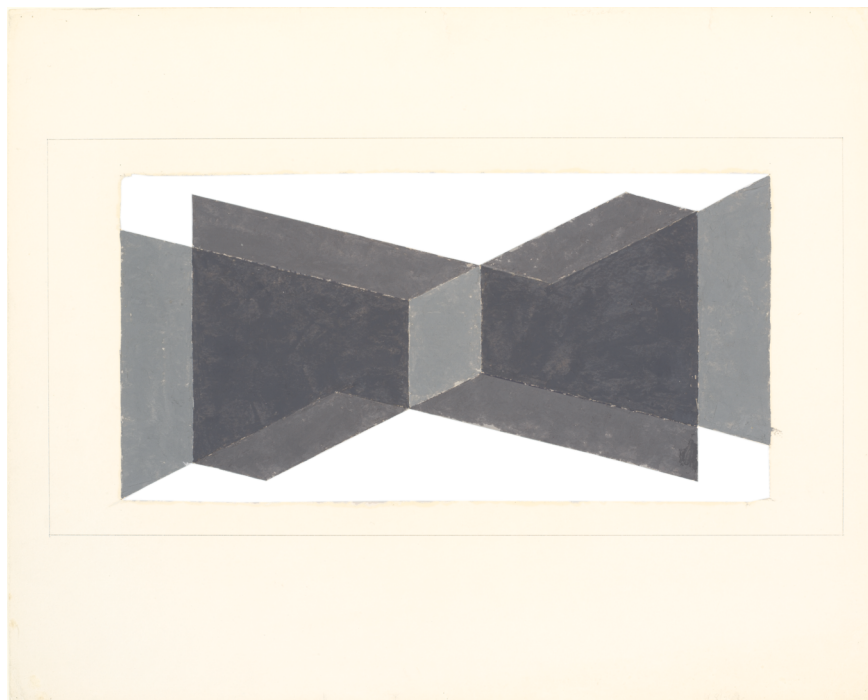
¹George Baird, «Interview with Josef Albers» in Nicholas Fox Weber, *The Bauhaus Group*, New York, 2009, p. 303.

Quando necessitava de uma superfície que absorvesse aguarela ou guache ou que desse consistência e espessura a uma aguada de tinta aplicada a pincel, escolhia a gramagem mais adequada. Quando pretendia que o óleo saturasse o material, e que o material suportasse o peso de grandes manchas de pigmento, também escolhia o que funcionava melhor, na maior parte dos casos, simples papel mata-borrão. Uma parte do processo artístico dependia da arte da seleção, sendo indispensável o conhecimento das ferramentas apropriadas.

A poesia do papel era vital para Albers, para além dos muitos aspectos práticos. Porque o papel tem a sua própria magia – algo quase imponderável mas duradouro se adequadamente trabalhado. O papel fixa ideias para sempre e, no entanto, fá-lo com grande informalidade, até mesmo com uma certa displicência. Deste modo, o papel convidava Albers a explorar, a ser experimental, a ser espontâneo.

Nicholas Fox Weber (Diretor executivo da The Josef and Anni Albers Foundation)

Excerto do «Prólogo» publicado no catálogo *Painting on Paper. Josef Albers in America*. Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2011.



Study for Vice Versa C, c.1943
Fotografia | Photo: The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.



Colour Study for Mitered Square [Homage to the Square], não datado | not dated
Fotografia | Photo: The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.



Color Study, não datado | not dated
 Fotografia | Photo: The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.



Color Study, não datado | not dated
 Fotografia | Photo: Joseph Albers Museum Quadrat Bottrop, Walter Hannappel



Color Study, não datado | not dated
 Fotografia | Photo: Joseph Albers Museum Quadrat Bottrop, Walter Hannappel

Introduction

In recent decades, the many exhibitions of Josef Albers's works, held all over the world, have marked out the artist as a classic of twentieth century art. Few of these shows, however, have concerned themselves exclusively with his work on paper. (...)

The show presented here (...) celebrates the artist with a concentrated selection of works in oil on paper, some of them have rarely or perhaps never been seen in public. The spontaneity and sensuality of these works, their questing open-endedness, and the delicacy of their colors will surprise even those familiar with Albers's oeuvre.

Chronologically, the exhibition begins in the late nineteen-thirties when Albers returned to painting, having previously devoted most of his time to design, as a student and as a teacher at the Bauhaus from 1920 to 1933. Albers and his wife Anni had emigrated to the United States in late 1933, just a few months after the Bauhaus closed its door for good. His encounter with the almost unspoiled wildernesses of North America and, above all, with the culture and art of Mexico, which he visited for the first time in 1935, put his work on a new footing. It was America, or so it could be argued, that shaped the painter Josef Albers we know today. Our exhibition makes this crucial impulse visible.

The chronological compass thus starts in the late nineteen-thirties and nineteen-forties, when Albers began translating his impressions of Mexico into the series *Kinetics* and *Adobes*, and it ends with the *Homages to the Square*, which were to preoccupy him from the 1950 until his death in 1976. It was in these works that Albers's capacity to maximize the spatial impact of color reached its zenith. His search for the essence of his media and discovery of an ideal terrain for them in the intimacy of paper ultimately bore fruit in the extraordinary poetry and vibrancy of these works.

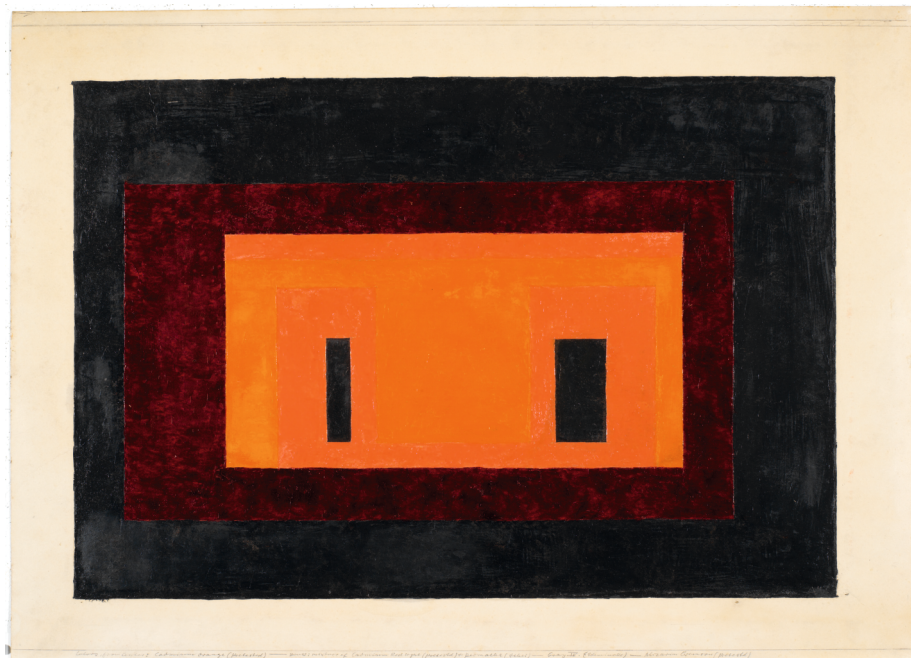
Albers planned his paintings in minute detail, long before executing them on fiberboard. Whereas the painting itself took only a few hours to complete, the preparatory work entailed producing series of scrupulous studies in the course of which the underlying idea took shape. Our exhibition presents examples of these studies. In them, Albers explored the effect of different colors and their correlations or the influence of a layer of varnish on the overall impact of a painting. The spectrum of works shown here ranges from examples of pure color notations and experiments in chromatic variation to finished paintings on paper. What all have in common is their fascination with the unmediated impact of color. Also underscored, however, is the tactile sensuality of paint as a material, its "butteriness" – to use Albers's own term – which varied depending on the manufacturer. Swiftly smearing it onto heavy paper caused the paper to absorb the oil, leaving behind a dry layer of shimmering color. The artist we observe at work here is one who knew how to flesh out the bare bones of an idea using a minimum of means. What makes these works on paper so unparalleled in Albers's oeuvre and allows us to view them as works in their

own right is the tension they generate between the controlled awareness, so, characteristic of Albers, and his receptiveness to the magic of the creative instant. After looking at these paintings, anyone who might have suspected Albers of being an artistically neutral theorist concerned primarily with the presentation of ideas will soon be persuaded otherwise. For what these works bring home to us is that Albers was a painter through and through, an artist who allowed himself to be guided by his materials, but who, at the same time, invested them with an unmistakable vitality of their own. Viewers who have once seen these works will have no choice but to return to the finished paintings. There, they will discover the stamp of a spirit – that lends color as an emanation of light its own idiom, and that casts Albers as a worthy successor of Paul Cézanne. Our exhibition can thus be said to open a new chapter in the reception of the works of Josef Albers.

Heinz Liesbrock (Director, Josef Albers Museum Quadrat Bottrop)

Michael Semff (Director, Staatliche Graphische Sammlung, Munich)

Excerpt of the "Preface" published in the catalogue *Painting on Paper. Josef Albers in America*. Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2011.



Variant / Adobe, c. 1947
Fotografia | Photo: Josef Albers Museum Quadrat Bottrop, Walter Hannappel

When he taught at the Bauhaus, Josef Albers emphasized that the physical properties of the components of one's work should be the starting point. He would, nearly fifty years later, recall telling his students, "Let's try what we can do new with wire. Give it a new shape, what can we do with matches... with matchboxes in a project. And then later, I introduced the study of paper, what [sic] was at the time considered a wrapping material." Albers was, in this instance, referring to the way paper could be cut and folded. The characteristics he had in mind were both its thinness and its combination of flexibility with rigidity; these made it ideal for certain methods of construction. But, equally, when paper was the support for an artwork, the material on which the image was being painted and drawn – and therefore, the substance he hoped would be its essence for all time – dictated much about the making of the object.

Paper has miraculous qualities, and Albers, a great appreciator, responded to them. Its permanence in tandem with its lightness was the sort of surprising juxtaposition of traits that enchanted him throughout his life. The relative inexpensiveness appealed to him, both during his student days, when he could scarcely afford a beer, let alone decent art supplies, and later in life, when his success in the art world meant that he could have whatever materials he wanted; his personality, however, kept him frugal. The splendor of paper as a human invention satisfied his longing for ingenuity, thoughtfulness, understanding of substances, and mastery of technique. He adored tree bark – nature's invention – but he had even greater respect for the processing of wood pulp and water, the proportions right, the skillful manipulation that resulted in paper, a supreme human achievement that went back to ancient times, and remains of current value. Paper, universal and timeless, has the same traits Albers sought in his art; he felt a supreme respect for it.

Its tactile qualities – be they the onion-skin surface of certain tissues, the smoothness of stock especially good for printing, the delicate striations of laid papers, or the coarse pebbly face of watercolor paper – invited very specific responses. Albers would choose the texture that suited his needs and, at the same time, make his needs correspond to the dictates of the paper with which he was working; the important thing was that the nature of the artistic effort and the quality of the material be in tandem. He drew lightly in pencil on the most suitable sheets, and rubbed his lithographic crayons along their sides, the subtle light and dark ridges richly reflecting the way the papers were made. When he required a surface that would absorb watercolor or gouache or allow a wash of brushed ink to stay thick and constant, he used the stock that fulfilled the task.

¹ George Baird, "Interview with Josef Albers" in Nicholas Fox Weber, *The Bauhaus Group*, New York, 2009, p. 303.

When he wanted oil to saturate the material, and the material to be able to support the weight of broad expanses of pigment, he also chose that worked – most often simple blotting paper. Part of the making of art was the art of selection; knowledge of one's tools was indispensable.

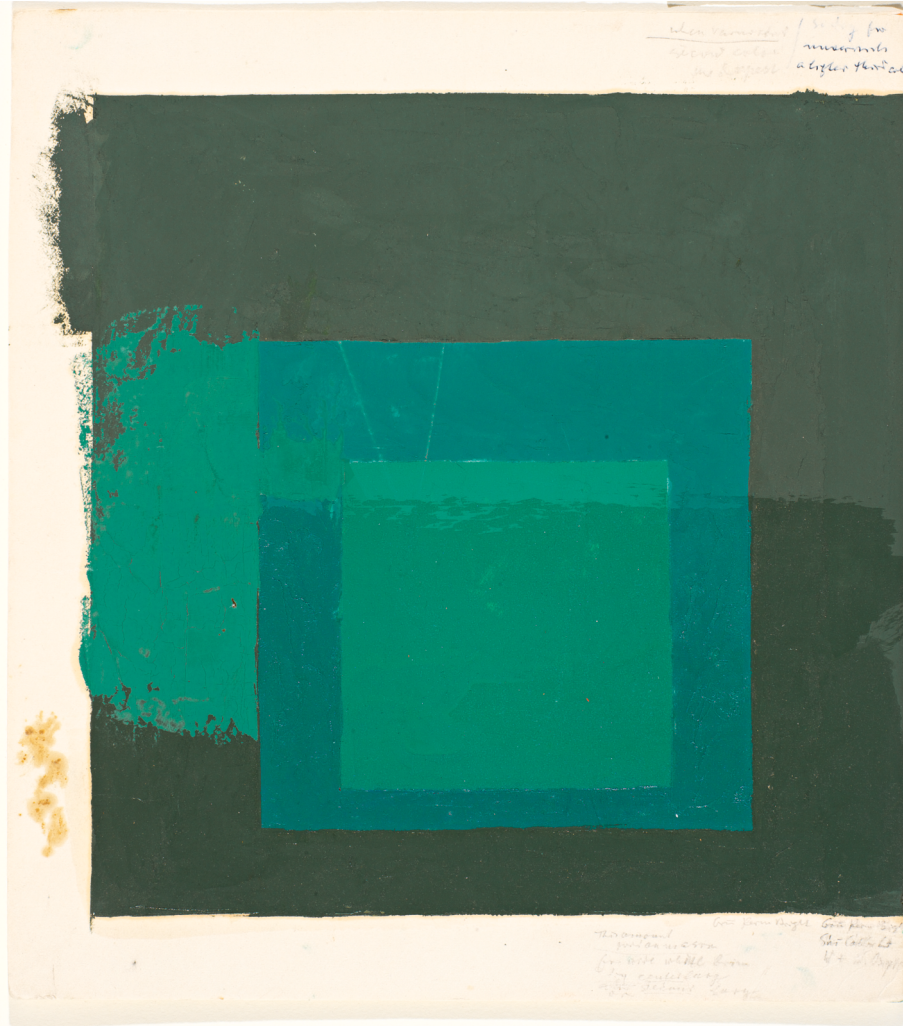
In addition to the many practical aspects, the poetry of paper was vital to Albers. For paper has its own magic – as something that is nearly weightless, yet, if properly treated, is lasting. It fixes ideas forever, yet it does so with utmost informality, a certain insouciance. Paper, thus, invited Josef Albers to explore, to be experimental, to be spontaneous.

Nicholas Fox Weber (Executive director, The Josef and Anni Albers Foundation)

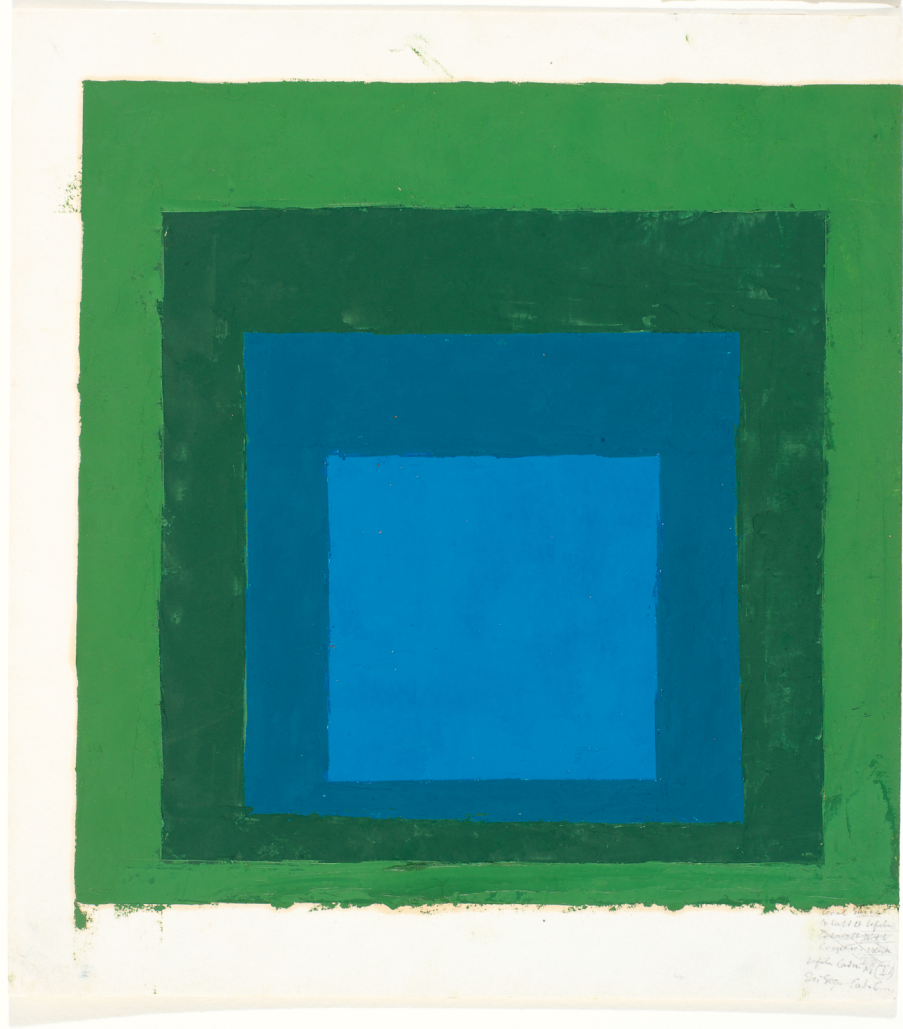
Excerpt of the "Forward" published in the catalogue *Painting on Paper. Josef Albers in America*. Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2011.



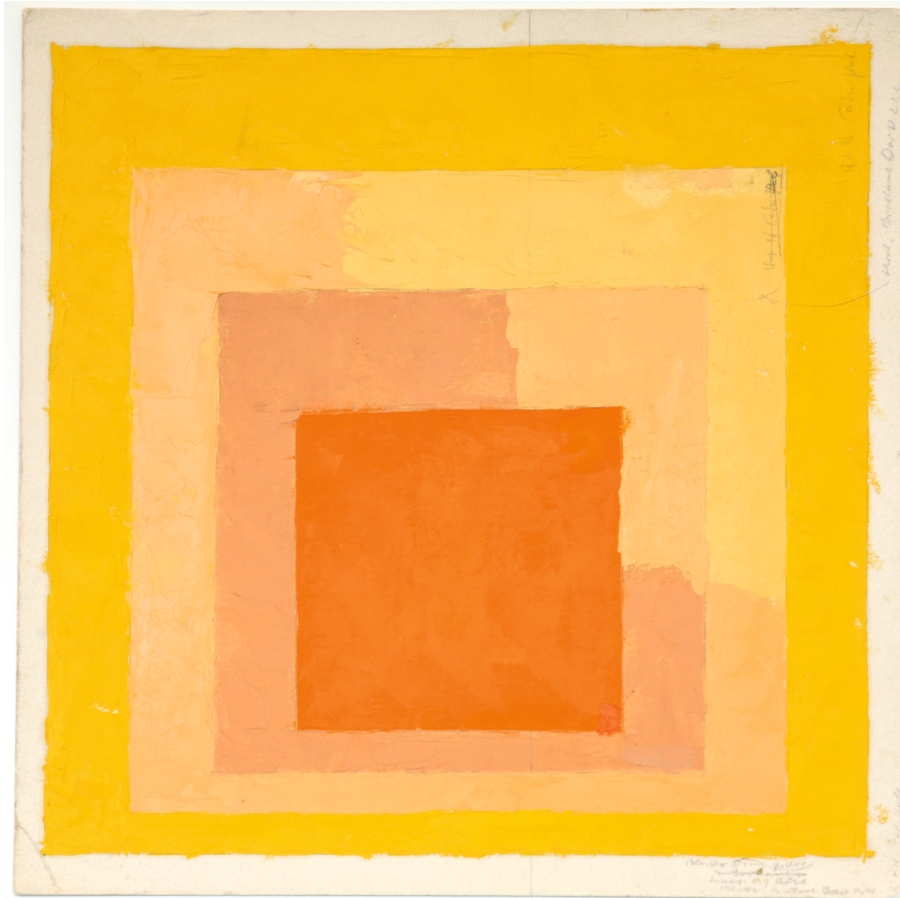
Colour Study for Homage to the Square, não datado | not dated
Fotografia | Photo: The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.



Colour Study for Homage to the Square, não datado | not dated
Fotografia | Photo: The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.



Study for Homage to the Square, não datado | not dated
Fotografia | Photo: The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.



Color Study for Homage to the Square, não datado | not dated
Fotografia | Photo: Joseph Albers Museum Quadrat Bottrop, Walter Hannappel

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Programação
Programming
Isabel Carlos

Curadoria
Curators
Heinz Liesbrock
Michael Semff

Coordenação
Co-ordination
Ana Vasconcelos e Melo

Arquitetura e Coordenação Técnica
Architecture and Technical Co-ordination
Cristina Sena da Fonseca

Secretariado
Assistants
Ivone Massapina Pinto
Rosário Lourenço

Equipa de Montagem
Construction Crew
Carlos Catarino
Carlos Gonçalves
José António Nunes de Oliveira

Design Gráfico
Graphic Design
Pedro Leitão

Instalação Gráfica
Graphic Installation
Paulo Santos

Serviços Centrais da FCG
FCG Centralized Services

Luminotecnia
Lighting
Manuel Mileu

Transportes e Apoios Diversos
Transport and Other Services
Paulo Gregório

CAM - Fundação Calouste Gulbenkian
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa | Tel: 21 782 34 74
De terça a domingo das 10 às 18 horas
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisbon | Tel: +351 21 782 34 74
Tuesdays through Sundays 10 am - 6pm

VISITAS | GALLERY TALKS

Encontros ao fim da tarde
29 de junho (sexta-feira) às 17h00
"Roubar com os olhos" – a Coleção do CAM em relação com Josef Albers
Visita orientada pela curadora
Ana Vasconcelos e Melo

Domingos com arte
20 de maio e 1 de julho (domingo) às 12h00
Visita orientada por Susana Anágua

3 de junho (domingo) às 12h00
"Roubar com os olhos" – a Coleção do CAM em relação com Josef Albers
Visita orientada por Susana Anágua

Uma obra de arte à hora de almoço
1 de junho (sexta-feira) às 13h15
Color Study for Homage to the Square
de Josef Albers
Visita orientada por Susana Anágua

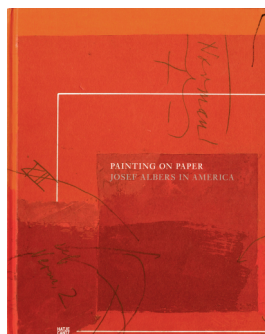
Visitas para escolas e grupos organizados, oficinas criativas para jovens e famílias
The education department provides group gallery talks in English by appointment
Marcações | Booking / Informações | Information
Descobrir
Programa Gulbenkian Educação para a Cultura
Tel. 217823800 | Phone. +351 21 782 38 00
descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt
www.descobrir.gulbenkian.pt

CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação | Coordination
Patrícia Rosas e Ana Vasconcelos e Melo
Textos | Texts
Heinz Liesbrock
Michael Semff
Nicholas Fox Weber
Tradução | Translation
Lúisa Yokochi (Kennis Translations)
Design | Graphic Design
Pedro Leitão
Impressão | Printing
Textype, Artes Gráficas Lda.
Depósito Legal | Legal Deposit

ISBN: 978-972-635-255-6
Maio 2012 | May 2012

CATÁLOGO | CATALOGUE



PAINTING ON PAPER
JOSEF ALBERS IN AMERICA

Edição | Editor
Heinz Liesbrock e | and Michael Semff

Publicado por | Published by
Ostfildern, Germany
Hatje Cantz Verlag, 2011

Textos de | Texts by
Isabelle Dervaux
Heinz Liesbrock
Michael Semff
Fox Weber

192 pp. | 32€

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES
UPCOMING EXHIBITIONS

Muntadas
Entre/Between
01.07 > 02.09.2012

Entre Espaços
Coleção do CAM • 1968-2011
Between Spaces
CAM's Collection • 1968-2011
01.07 > 02.09.2012

VISITE A COLEÇÃO DO **CAM** EM
EXPLORE **CAM**'S COLLECTION AT

www.cam.gulbenkian.pt

CAM2012

Colour Study for Homage to the Square, não datado | not dated
The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.
Fotografia | Photo: Joseph Albers Museum Quadrat Botrop, Walter Hammappel